



A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR, E A OUTRIDADE: ENTRE A LINGUAGEM, O SENTIDO E O TESTEMUNHO

RAFAEL BATISTA DIAS¹

RESUMO: Este artigo busca, a partir das teorias de Freud, Gadamer e Levinas, pensar um tipo de existência, encarnado no *continuum* discursivo e desdobrado no real como repetição. Trata-se, aqui, de considerar uma personagem literária específica, Macabéa - da novela *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, publicada originalmente, em 1977 -, uma nordestina de rosto estranho e fala inquietante que rompe com o tecido da ficção em virtude de sua alteridade incomum. Situada no limiar entre a imaginação e o real, dos seus elementos discursivos na cultura (narrativa, falas, comentários) não se apreende uma feição única, nem um retrato elucidatório e simplificado, ainda que se incorresse na facilidade fenomenológica husserliana de reduzi-la à unidade do sujeito espelhado ou projetado. Trata-se de uma personagem literária importante justamente pela sua aura misteriosa. Seria ela uma mulher simplesmente alienada? Uma anti-heroína em estado bruto, com potencial para o despertar da sua condição sociopolítica? Ou uma pessoa banal, sem filiação às "grandes narrativas"? Um outro radical, ou seja, uma outridade, segundo Levinas? Enfim, o que é possível dizer sobre a mente Macabéa?

PALAVRAS-CHAVE: Levinas; Filosofia da percepção; Literatura; Clarice Lispector; alteridade.

ABSTRACT: This article aims, based on Freud's, Gadamer's and Levinas' theories, to think about a type of existence, embodied in the discursive *continuum* and unfolded in the real as a repetition. Here, it is about considering a specific literary character, Macabéa - from the novella *A hora da estrela* (first edition in 1977), by the Ukrainian author Clarice Lispector -, a Brazil Northeasterner whose strange face and disturbing speech breaks the fabric of fiction by virtue of her uncommon otherness. Situated on the threshold between the imagination and the real, her discursive elements in culture (narrative, speech, commentaries) are difficult to apprehend in a single feature, nor an elucidatory and mathematized portrait, even if we fall into the Husserlian phenomenological facility of reducing her to the unity of the mirrored or projected subject. This is an important literary character due to her mysterious aura. Is she simply a phantasmatic woman? Or an anti-heroine in a raw state, with the potential for awakening from her socio-political condition? Either, an ordinary person, with no affiliation with the "grand narratives"? A radical other, that is, an otherness according to Levinas? At last, what is in Macabéa's mind?

KEYWORDS: Levinas; Philosophy of perception; Literature; Clarice Lispector; alterity.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFil) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: diarafeal@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Introdução: o enigma Macabéa

Macabéa, ícone da literatura brasileira no Século XX, muitas vezes captada, sobretudo nas primeiras leituras críticas logo após a publicação, em 1977, da novela *A hora da estrela*, como uma figura-sinônimo da inépcia, ingenuidade ou ignorância, assume o lugar do incognoscível que se situa muito além do eu consciente e violento na sua hermenêutica tradicional: sua personificação poética não deve ser esquadrinhada, recortada, examinada, mas recebida/sentida, de outro modo, a partir do sussurro (muito distante, quase inaudível) dirigido a uma passividade aberta ao sagrado.

Personagem-arquétipo da mulher nordestina retirante no Rio de Janeiro nos anos 1970, chamada de "paraíba" pelo seu chefe e pelas pessoas do cortiço onde mora, a anti-heroína suburbana carrega o semblante vazio de uma sonhadora ingênua e muito pobre que vive apenas de comer cachorro-quente por ser a refeição mais barata. Acabrunhada e brutalizada, trabalha como datilógrafa, sempre com as mãos sujas. Tem um namorado também nordestino, porém com uma índole distinta, ambiciosa. O livro gira em torno da sua parca vida, que oscila entre a busca pelo esplendor e a entrega ao seu destino no contexto de infelicidade de uma metrópole latinoamericana. Trata-se de uma personagem literária importante pela sua aura misteriosa. Seria uma mulher simplesmente alienada? Ou uma anti-heroína em estado bruto, com potencial para o despertar da sua condição sociopolítica? Uma pessoa banal, sem as "grandes narrativas", considerando o contexto político atual do obscurantismo e da produção de "rebanhos" em certas camadas sociais brasileiras? Pretendo, analisando a fonte primária, tanto a autora quanto a obra, junto à fortuna crítica, tentar apreender a magnitude dessa personagem no seu espectro testemunhal (personagem e terceiros).

Conforme Levinas (2011), o Outro nos impõe uma tarefa ética, a do respeito e do acolhimento digno, como alguém que nos é irredutível e sobrevem de uma dimensão de altura. Todavia, assim como Freud percebe no seu artigo de 1919, *Das Umheimliche*, Macabéa é também a nossa face oculta que recalamos. Dialética que nos constitui como limiar, espécie de existência dentro-fora preenchida por contradições, faltas e dinâmicas da memória e da história - e que, portanto, não deve ser subsumida pela razão histórica de vetor único, tampouco pela intencionalidade convencional².

² Os primeiros teóricos do conceito de intencionalidade, Brentano e Twardowski, ainda estavam filiados à concepção filosófica moderna (Descartes, Locke, Hume e Kant) de que as palavras seriam meros objetos da consciência. Na tentativa de solucionar a aporia do solipsismo, como uma maneira de reaver a relação entre mundo e significação, Brentano introduziu a ideia de que, mantida em seu lugar de primado de apreensão da realidade e formulação de pensamento, a consciência se dirigiria às coisas por atos intencionais, ou seja, ações às quais

É esse o ponto de tensão que vislumbramos, de imediato, da mente-corpo de Macabéa, personagem simples, porém fulgurante, nesta pequena obra literária em sua extensão, aclamada como um dos textos definidores da condição brasileira no Século XX, a novela *A hora da estrela*. Escrito e publicado por uma Clarice Lispector doente de câncer, meses antes de vir a falecer – sentindo dores físicas, ainda que não soubesse seu real diagnóstico, e um mal-estar contido e irascível em função do ambiente sociopolítico do Brasil à época –, o texto, de cerca de 80 páginas, apresenta uma das criações mais enigmáticas e complexas da literatura nacional. Apesar de sua riqueza literária, a obra versa sobre uma personagem no polo oposto, o da pobreza, em função da protagonista Macabéa ser uma datilógrafa burocrata, um tanto kafkiana, desprovida de dignidade e afeto. O desafio de reler esta anti-heroína é o mesmo que a mantém, por infortúnio, atual, como um vaticínio, mais de 40 anos depois. Afinal, quem é Macabéa, esse fantasma intraduzível na sua inteireza, assim como a própria obra de Clarice, autora de língua portuguesa mais traduzida no mundo, um marco na efeméride de cem anos de seu nascimento completados em 2020?

Se levarmos a cabo alguns ensinamentos hermenêuticos clássicos, de Husserl, Brentano e Twardowski, para tentar sair desse imbróglio e conseguir, assim, proceder a uma boa e justa compreensão sobre o caráter humano-literário da protagonista do último livro editado por Clarice Lispector em vida, concluiremos que é impossível esgotar a sua compreensão pretendida. A tarefa de assimilação já nasce, desse modo, fadada ao fracasso, uma vez que se trata da expressão de uma vivência literária. Assim como as grandes personagens da literatura, Macabéa tem tido uma vida longa – embora, no livro, fora drasticamente encurtada pela profecia irônica de uma cartomante – no imaginário de leitores brasileiros, tanto entre as camadas mais elitistas como entre as mais populares, sem que se esgote, totalmente, a sua feição indefinida e misteriosa. A jovem retirante nordestina seria vitimada por um acidente de carro ao final da vida, da qual pouco se sabe a não ser a partir do curto relato do narrador Rodrigo S.M. e das intervenções entre parênteses da própria Clarice Lispector. Seria ela uma figura

"corresponde um conteúdo, o qual tem como ingrediente uma representação e um representado" (BRAIDA, 2009, p. 27). Desse modo, a linguagem permanece em seu papel de instrumento, similar à tese de Locke, com a diferença de que passa a ter uma função representativa dentro do *modus operandi* dos atos conscientes da intencionalidade. Na prática, isso significa que, a cada visada empreendida por determinada consciência, instaura-se um significado que recai sobre um objeto do mundo e a este se vincula um modo de representação. Twardowski enfatiza essa dimensão intencional, destacando a linguagem como um conjunto de meios ("*mitteln*") através do qual são transmitidos estados psíquicos (conteúdos) direcionados a um certo objeto. Nesse sentido, tais atos intencionais serão sempre significativos, na medida em que projetam percepções e ideias do falante sobre as coisas. Para Brentano, inclusive, não é necessário que exista o objeto propriamente: basta a forma da intencionalidade para caracterizar a visada com base apenas em uma representação pura. Assim, a teoria primitiva da intencionalidade, além de tomar a linguagem como objeto e também meio meramente formal, não avança a contento em relação às críticas quanto aos problemas do solipsismo.

alienada, após sucessivas violências físicas e simbólicas? Ou, numa tese paralela que se volta à complexidade psicanalítica e política de anti-heróis passivos, tais como *Bartleby*, de Melville, ou *Woyzeck*, de Büchner, não seria cabível a ela o papel de uma “paciente revolucionária”, para citar uma expressão de Susan Buck-Morrs (2018) à luz de Walter Benjamin? A propósito, a própria Clarice, parafraseando Euclides da Cunha, escreve no livro: “o sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdo.”³ Alguns críticos a referendam como uma personagem-máter na paradoxal realidade brasileira, ao lado de *Macunaíma* de Mário de Andrade e *Riobaldo* de Guimarães Rosa. Enfim, seria ela uma rebelde em estado bruto, porém aviltada e interrompida no seu processo de despertar? Ainda uma terceira via de hipótese, operando, aqui, uma pré-compreensão para confrontá-la com o tal espírito objetivado nas coisas: *Macabéa* não seria simplesmente uma pessoa banal, longe das “grandes narrativas”, e por isso mesmo um arquétipo valoroso em si, na medida em que é dada cidadania ontológica a um ser antes obliterado no cânone da literatura brasileira? Será que podemos, no entanto, reduzi-la somente a esse aspecto, como um tipo raso e corriqueiro, a retirante nordestina destituída de (quase) tudo?

De fato, e de texto, é quase impossível querer sublinhar *Macabéa* em poucas palavras: sua natureza não é essencialista, ainda que frases interpretativas como “retirante nordestina no Rio de Janeiro” ou “datilógrafa acabrunhada e de mãos sujas” possam oferecer significados à *persona* fictícia. O ponto central é que a própria *Macabéa* funciona como um epítome da falta de compreensão, tanto na obra em si como, e sobretudo, fora dela. Se somos inundados por várias perguntas sobre o *ethos* dessa anti-heroína, de gestos comedidos e fala tímida, fornecendo poucos elementos expressivos e preservando uma aura de mistério, ao longo do livro os demais personagens, como o chefe do escritório Raimundo Silveira, o namorado Olímpico e a colega de trabalho Glória também sentem uma estranheza, tanto afetiva quanto cognitiva, no convívio com a jovem brutalizada. Conforme observa Librandi (2020), professora da Universidade de Stanford (EUA), *Macabéa* é uma não-ciadina extremamente pobre, que mora num cortiço de quarto compartilhado e se alimenta apenas de cachorro quente, por ser a refeição mais barata, envolta por um manto de ingenuidade e um esvaziamento devido à perda violenta da inocência: no entanto, paradoxalmente, apesar de amoral e quase animalizada, a anti-heroína é uma filósofa do nonsense, ao se fixar nas coisas mais insignificantes, na linguagem fática do dia a dia. “Pois é”, diz o seu namorado Olímpico, ao que ela retruca: “Pois é o quê?”. Em outro sentido, também se pode apreender disso que *Macabéa* tem uma posição de alheamento, incluindo a significação dos poucos diálogos que trava, mais ainda a incompreensão de si. Caso

³ Ver LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 55.

queiramos interpretar a personagem apenas por seus trejeitos, gestos e falas acusados no texto, as apreensões dela incorrem quase sempre em imprecisão, já que, além de subjetivas, as expressões da anti-heroína aparecem como dúbias ou recatadas em excesso.

Escrever: ouvir

Tal dificuldade em apreender Macabéa, personagem limiar ou forma literária que transcende os binarismos, nos põe na seguinte posição: não interferir, mas ouvir. Escrever transcrevendo, e não presumir. Pensa-se, aqui, em torno da ideia da negatividade, daquilo que circunda e margeia, instavelmente, o círculo fechado na relação sujeito-objeto husserliana. Para que possamos, em primeiro lugar, dar dignidade à outridade de Macabéa, é necessário reposicioná-la como uma alteridade transcendente, conforme nota Emmanuel Levinas.

A questão da alteridade, em Levinas, demarca uma posição radical em relação a praticamente toda história da filosofia. Em sua maioria, a tradição clássica ocidental, desde os pensadores e teóricos metafísicos (Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino), passando pelos racionalistas (Descartes, Espinosa, Leibniz, Locke, Hume) e até mesmo pela viragem do pensamento puro empreendida por Kant, projetou suas teses sempre a partir da visão da mesmidade. Ou seja, um rol de conceitos e ideias como substância, Deus, liberdade, propriedade, imperativo categórico, sempre foram sujeitos a um corpo homônimo que, ao verticalizar um discurso lastreado em determinado recorte do *logos*, impõe uma via única de vetor. Assim o foi também com Husserl, que inaugura uma fenomenologia direcionada à apreensão racional de objetos unicamente perceptíveis sob um círculo engajado sem retorno, à luz do conceito de intencionalidade, numa consciência que exclui o desviante.

Antes de qualquer posicionamento a favor da ontologia, da política, da racionalidade ou do empirismo, o esforço levinasiano é pelo primado da abordagem ético-fenomenológica, capaz de dar conta das sutilezas, particularidades e, sobretudo, da transcendência de um Outro que, até então, estava solapado pela sucessão histórica linear e cronológica do pensamento. Mais que nunca, na comparação com os antecessores, sua filosofia traz uma marca a-histórica singular, ou seja, a busca por uma absoluta alteridade irreduzível a qualquer tipo de definição temporal, sejam elas qual for: *chronos* (o tempo meramente causal e sequencial), *kairós* (o momento oportuno, sagrado), passagens dialéticas etc. Em *Totalidade e infinito* (2011), percebe-se esse gesto de esgarçamento da linguagem no intuito de produzir uma espécie de dicionário da estranheza mediante a utilização de termos como: Altíssimo (*Très-Haut*), estrangeiro (*étranger*), acolhimento (*hôte*), carícia (*caresse*), todos compondo um ajuste para

com a ética do Outro enquanto absolutamente outro. E aqui entra, portanto, uma primeira distinção entre o Mesmo e o Outro. Enquanto o Mesmo é familiaridade e essência, um mundo no qual se perfazem recorrências, significações, totalidades, repetições e poder-ser – termos que conduzem a uma crítica de Levinas verbalizada em especial a Heidegger – o Outro radical, verdadeiro e absoluto é aquele que se põe assimétrico, invisível, elevado, frágil e refratário (tem esse caráter dual, potente e delicado, do santo, no sentido de absolutamente separado), no tocante à realidade conciliatória da metafísica e da fenomenologia tradicionais. Pelo seu caráter de recusa, de insubmissão, essa alteridade não se deixa capturar, muito menos se aprisionar, pelo olhar redutor da mesmidade. Para além da fronteira das coisas visíveis, tal ética levinasiana advoga a preservação desse elemento puramente transcendente que se situa em um patamar não-nivelado, distantemente infinito e, por essa razão, inalcançável. É nesse sentido que o Mesmo, sob sua condição de si, nunca será o Outro, ainda que tente se aproximar. Caso se aproxime demais, ou passe a conhecê-lo, terá praticado uma violência, mais uma vez, de presunção de apagamento da exterioridade.

Trata-se, nesta alteridade invisível, mas sumamente concreta, de um cuidado ético-fenomenológico para com o existente que se põe acima da existência e que não pode ser subsumido pela realidade vigente, na medida em que ele é um superlativo que rompe frontalmente com a ideia de um conteúdo ou de uma substância. É por esse caminho, contrário a toda horizontalidade homogeneizante do olhar e da percepção em geral, que Levinas coloca a urgência de haver uma retomada da metafísica para além do visível. Verticalizado, rarefeito de sentidos fechados, tal resgate impõe uma ética da concretude e do contingente por meio de um desejo metafísico, não mais estruturado no *logos*. Ou seja, configura-se a busca por uma alteridade da falta, daquilo que não é abarcado pelo horizonte do mesmo. É desse modo que o outro, o absolutamente Outro, como diz o autor, é, na verdade, “um Outrem que não faz número comigo. A coletividade em que digo ‘tu’ ou ‘nós’ não é uma coletividade do ‘eu’” (LEVINAS, 2011, p. 26). Em suma, é um Outro indicado, mas não compreendido; sentido, porém não subsumido pela razão; em última instância, um estado pré-predicativo contra a permanência do mesmo e em prol da diferença.

É aqui que entra a noção de resistência ética defendida por Levinas. Tendo em vista essa noção de subjetividade que se compraz na totalidade e na essencialização de um mundo submetido à lógica do mesmo em toda a filosofia ocidental, o autor requer outro posicionamento ético radical. De forma drástica, pretende romper com esse estatuto do mesmo. E passa a exigir de nós, inscritos nas práticas de sujeição à fruição, uma tarefa de defesa da alteridade e da

diferença. Entre as medidas necessárias para uma reconversão desse sujeito ético egoísta, Levinas sugere uma série de temas em torno da ideia do Outro, tais como hospitalidade, acolhimento, retração, fuga, esconderijo, segredo, entre outros. A saída é propor, em outro sentido, não mais uma mitificação do mundo, mas uma “religião”, ou seja, uma relação com a outridade, o Altíssimo, esse elemento que se abre, mas também se retrai, e ante o qual devo me comportar de maneira não-violenta para que ele possa se fazer de algum modo circulante na minha ideia de mundanidade.

Trata-se, nesta alteridade invisível, de responsabilidade ético-fenomenológica para com um existente que se põe acima da existência e que não pode ser subsumido enquanto realidade vigente, na medida em que é um superlativo que rompe frontalmente com a ideia de um conteúdo ou de uma substância.

A percepção da outridade e da linguagem

Hans-Georg Gadamer explicita, no capítulo sobre linguagem e mundo no livro *Verdade e método*, a relação entre o dizer e o compreender, temas tão caros à escola hermenêutica⁴: “Compreender e interpretar se subordinam de uma maneira específica à tradição linguística. Mas, ao mesmo tempo, vão mais além dessa subordinação” (GADAMER, 1999, p. 588). Para o filósofo alemão, que segue a linhagem de seus colegas Schleiermacher, Dilthey e Heidegger, a ideia de mundo somente existe como condição da compreensão que, per si, já é interpretação. Desse modo, ele posiciona a diferença fundamental entre as ideias de mundanidade e de mundo circundante (em alemão, *Umwelt*). Aos seres humanos, cabe uma disposição distinta de outros animais, a saber, a intencionalidade que é doada e direcionada a determinado objeto (o outro)

⁴ A teoria contextual da tradição hermenêutica se pauta por termos bem específicos, a saber: 1) a compreensão mais próxima e correta possível do que foi dito ou escrito; 2) a historicidade como condição de qualquer ato linguístico ou de qualquer linguagem; 3) a mediação entre heranças e pertencas comunitárias, que impõe uma vivência prévia de uma determinada língua; 4) primado da linguagem como um elemento de condição de mundo, assim como elementos lógico-semânticos; 5) singularidade, pois a língua é considerada um sistema único de significação a cada situação; 6) e, por último, a complexidade da função linguística, operada por vários fatores (herança, contexto, usos, situação histórica etc). Percebe-se, desse modo, que os hermeneutas enxergam a linguagem a partir de um contexto puramente histórico e temporal: sua postura frente à língua tem a ver com o passado, mas também com o futuro, ou seja, com o modo como aquele texto ou proferimento está situado de forma dinâmica no âmbito da finitude humana. Para que se faça uma leitura apropriada, o bom intérprete deve estar atento aos meandros da linguagem na sua presença viva, extraindo o máximo que pode da complexa teia de eventos linguísticos. Nesse sentido, filósofos tais como Schleiermacher, Gadamer, Dilthey, entre outros, recusam a ideia de uma linguagem universal, já que para eles é impossível dissociar linguagem de sua concretude humana. Na concepção hermenêutica, o contexto é fundamental para se entender as particularidades de cada povo ou comunidade, e em cada caso só se pode falar de uma língua única, com eventos singulares. Desse modo, defendem um copertencimento entre filosofia e linguagem de forma rígida: há uma ciência e um saber compartilhado, porém esse conhecimento é aplicado e requer, a cada instante, uma interpretação localizada e atualizada. Cf. BRAIDA (2009).

na maneira como nos relacionamos neste mundo de alguma forma apreendido. Contemporâneo de Levinas, embora em posições distintas, Gadamer ressalta o sentido histórico e singular da linguagem – e compartilha com Levinas o mesmo interesse em vislumbrar as tarefas do interpretar e do dizer fora dos limites racionais e objetivos das ciências positivistas, dentre as quais se situa a própria linguística.

Macabéa, no entanto, não é um mero outro, coisa em si abstrata. É, sim, uma outridade, irreduzível a um objeto disposto e acabado, supostamente pronto a ser analisado pelo prisma objetivo. Em outro sentido, a personagem se desdobra como um ser vivo no contexto histórico. Para Gadamer (1999), a compreensão originária de mundo perpassa, necessariamente, a compreensão de história e linguagem como estatutos ontológicos: elas antecedem a existência na medida em que o mundo assim é subsumido pela inelutável natureza intencional dos seres humanos. Tal ideia reforça a postura gadameriana de que o outro se comporta como um mundo não-linguisticamente apreendido, mas compreensivamente aproximado. Por isso a importância de, a cada lugar e a cada tempo, em função das vicissitudes da história e da plasticidade da linguagem, a compreensão sempre precisar se efetuar novamente, uma vez que a configuração de mundo nunca é rígida a despeito de sua qualidade compartilhada. Assim, ele descreve: “Não somente o mundo é mundo, apenas na medida em que vem à linguagem – a linguagem só tem sua verdadeira existência no fato de que nela se representa o mundo. A humanidade originária da linguagem significa pois, ao mesmo tempo, a linguisticidade originária de estar-no-mundo do homem” (GADAMER, 1999, p. 643).

É preciso, assim, perceber Macabéa a todo instante, em seu particular aqui-agora desvelador, considerando-se sua existência fantasmática – tibia e assombrosa. Textos, falas de personagens, suas próprias (parcas) vocalizações, comentários de especialistas e exegetas. Enfim, a linguagem circundante. Como uma *persona* literária, sua existência se assemelha a um caleidoscópio de vozes variadas, com um peso maior do mundo ao redor, sobre o qual lançou-se o frágil corpo franzino da anti-heroína.

A escuta - psicanálise e o real

A necessidade de, a todo instante, ouvir Macabéa se reforça a partir daquilo que Sigmund Freud (2020) nos fala em termos de acolhimento do olhar estrangeiro enquanto um representante da castração que nos faz passivos diante do real. Ao ouvirmos a personagem de Lispector não devemos, assim, significá-la como um conteúdo parcial e menor, tampouco delimitá-la sob um invólucro definitivo, uma vez que sua estranheza não nos comunica algo de

pronto, acabado. Podemos visá-la, ou seja, atentar para seus gestos, vozes, expressões, linguagens, olhares, entre outros domínios que nos são, de algum modo, familiares em algum aspecto comunicacional. No entanto, não podemos nos defender do inconsciente que subjaz na experiência da completude superior e insondável que é Macabéa. Por outro lado, podemos, sim, nos angustiar, ou então reagir com chistes, brincar ou fazer disso tudo uma arte – assim como fez a própria Clarice, estupefata diante de sua cria literária, deixando que ela se tornasse verbo, e não mera carne inerte, um molde para o observador. Tal outridade do inconsciente nos requer não apenas outra postura, mas a nós nos modifica de maneira incisiva, em nossa natureza, até então segura, da consciência. Isso porque encarar o estrangeiro é também acolher aquilo de que nada sabemos, o Outro real, articulando novas possibilidades de ser no mundo. Trata-se, aqui, do real simbólico a que Freud se refere: o real como uma degenerescência dos próprios conteúdos semânticos; a significação decomposta. Neste momento, os significantes se despem das couraças do sentido e fazem surgir o castrado.

Com o *Umheimlich* freudiano, podemos abarcar a dialética da experiência que é se deparar com Macabéa e suas múltiplas facetas. “Infamiliar seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (FREUD, 2020, p. 45), conforme justifica o pai da psicanálise em seu ensaio de 1919. Ainda que seja uma personagem literária, Macabéa é o real em si. Ela causa a ruptura das expectativas, quebra o sentido normal das coisas. Sua figura não é mais um objeto⁵ de transferência, que se confundia com os demais significantes isolados, ora despidos do véu da significação. Pelo contrário, Macabéa é a própria pulsão, ou o “pequeno objeto a”, como notou depois Lacan⁶ nos seus seminários entre os anos 1950 e 1960. Não se trata, portanto, de uma mera repetição pulsional. A protagonista de *A hora da estrela* é, em si,

⁵ Macabéa, novamente, não pode ser entendida como mera coisa a-histórica, uma vez que um objeto ficcional, na tradição filosófica, é aquele que não se atualiza; não tem um indicador concreto e apontável. Paira apenas na imaginação ou no mundo das ideias e das abstrações: podem ser números, ficções literárias, ideias e conceitos que não existem enquanto objetos físicos comuns. Em outro sentido, além do espaço-temporal, a teoria possibilista, de autores contemporâneos como Lewis, Plantinga e Kripke, advoga uma interpretação da potência das entidades. Retomando um antigo conceito de Leibniz, de que a possibilidade é anterior à realidade e não o contrário, a defesa aqui é por uma atualização potencialmente ontológica de objetos não-existentes na relação com o mundo. Assim, não se afasta a possibilidade de que eles possam vir a existir algum dia, diferente da fala de Meinong que nega de partida esse princípio. Desse modo, é “possível” dizer que um saci é, sim, verdadeiro em algum mundo possível, ainda que no mundo atual ele ainda não tenha sido detectado. Pensadores da lógica modal ou até da fenomenologia intencionalista de Meinong vão, porém, de encontro a essa corrente. Os primeiros argumentam que algo não é possível em função do problema da identidade: como quantificar e posteriormente qualificar um saci se ele, mesmo no plano do possível, tem um caráter em aberto, ou seja, é um fenômeno inapreensível no mundo atual? Os intencionalistas atacam de outra forma mais simples, ao questionar a contradição de a possibilidade não referenciar algo existente nem no plano externo (*Gegenstand*) tampouco no interno (*Object*) da consciência, mas em um plano não-existente e, portanto, frouxo e puramente ficcional. Ver SALIS (2013).

⁶ “O *objeto a* é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta. É então preciso que isso seja um objeto - primeiramente, separável - e depois, tendo alguma relação com a falta” (LACAN, 1985, p. 101).

a colocação em ato da realidade do inconsciente, de forma mais radical, como uma estranheza inquietante familiar.

Ouvindo Macabéa e Clarice

As passagens mais elucidativas do caráter de Macabéa são objetivadas pela figura do narrador Rodrigo S.M., engenhoso artifício da autora em expor o próprio ato da criação literária, como um jogo brechtiano do teatro épico, colocando a si mesma e ao narrador na postura de distanciamento e disrupção. Clarice expõe, assim, os dilemas do autor pelo processo de uma obra inacabada que se constitui, enquanto Macabéa também se constrói no instante de contato com o leitor. Ou seja, o próprio livro se escrevendo, como se fosse escrito no mesmo momento em que é lido. Assim como Macabéa, Clarice, uma imigrante ucraniana pobre que morou em Maceió e no Recife antes de se mudar para o Rio de Janeiro, também cresceu “de ouvido”, aprendendo a escrever junto a atos de enunciação e de forma quase intuitiva. De modo totalmente distinto de Clarice, que teve a oportunidade de buscar formação universitária e conseguiu publicar livros ainda na faculdade, Macabéa teve sua vida decepada desde a mais tenra idade. Um fator indicativo disso é que nem sabemos em que cidade a retirante nasceu; sabe-se apenas que foi no sertão de Alagoas. Assim descreve o narrador, em uma das passagens mais emblemáticas do livro:

Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia, mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. Embora a menina não tivesse dado mostras de no futuro vir a ser vagabunda de rua. Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol. As pancadas ela esquecia, pois, esperando-se um pouco a dor termina por passar (LISPECTOR, 1998, p. 28)

Há ainda uma série de descrições-chave que denotam a visão fatalista do narrador/autora: “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver” (LISPECTOR, 1998, p. 28); “Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia

era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzia-se a si” (Idem, p. 22); “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo” (Idem, p. 25); “Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fê” (Idem, p. 27); “(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças)” (Idem).

Frases como essas de desprezo e ironia pessimista - chega a comparar também os ombros curvos de Macabéa aos de uma cerzideira - parecem carregar um tom de denúncia social de uma mazela maior: não apenas a pobreza econômica ou social, mas a de espírito ou de consciência. Sobretudo, com base na última frase, posta em parênteses, Clarice revela um estado de ânsia por justiça diante de um tipo ou figura que lhe causa embrulho no estômago. Tal sentimento é bastante crucial na entrevista que a autora concede ao programa Panorama, da TV Cultura (a única vez em que Clarice aparece em um programa de TV brasileiro), em 1977, logo após a conclusão deste livro. Assim compõe ela a personagem: “(Trata-se da) história de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente. Mas a história não é só isso, não. É a história de uma inocência pisada, de uma miséria anônima (...) O cenário da novela é o Rio de Janeiro, mas a personagem é nordestina, de Alagoas”. Percebe-se aqui a ênfase da autora na perda da dignidade da protagonista para além da sua integridade material. Continua a escritora, na explicação ao seu interlocutor, acerca das referências da obra. “Morei no Recife. Morei no Nordeste. Eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro, tem uma feira dos nordestinos, no campo de São Cristóvão, e uma vez eu fui lá. E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro”⁷.

As falas de Clarice Lispector na entrevista são importantes para corroborar a intenção da autora com este livro: junto à sondagem psicológica, que lhe era inerente como processo de criação, ela empreende um gesto novo na sua produção intelectual com uma crítica ao Rio de Janeiro ali nos anos 1970, sob o regime da ditadura militar e tomado pelo processo de urbanização caótico e de crise financeira, com as sucessivas crises do petróleo mundiais. As demais descrições sobre o interesse quase cego da jovem datilógrafa, que sonha em ser estrela de cinema e é ouvinte assídua da rádio-relógio com suas pílulas de informação e cultura

⁷ Ver PANORAMA. Entrevista com Clarice Lispector. São Paulo: TV Cultura, 1977, 28 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em: 09 out. 2021.

fragmentária, reforçam a crítica de Clarice a um patamar de alienação provocado pelos meios de comunicação de massa. Os 13 títulos dados à obra se somam a esse diagnóstico, muitos deles com uma visão impiedosa sobre o lugar de “vida nua”, como mais tarde Agamben⁸ conceituaria nos anos 1990, em que Macabéa se inseriu. Entre os títulos paralelos ao oficial, estão: “A culpa é minha”, “O direito ao grito”, “Quanto ao futuro”, “Assovio no vento escuro”, “História lacrimogênica de cordel” e “Saída discreta pela porta dos fundos”. O mais impactante é que, dentre os nomes dados, se insere no meio deles também o da autora: assim, Clarice Lispector é também é um título substitutivo. Clarice é a própria Macabéa.

Embora obtusa e lacônica, Macabéa se expressa na sua particularidade. Como a autora afirma, a personagem literária é também histórica: nasce – inteiramente raquítica, herança do sertão, como diz o narrador – inspirada no campo e nas ruas do Rio de Janeiro, Maceió e Recife. Sua fala é, portanto, eminentemente nordestina, porém atravessada pela vida suburbana carioca. Oscila entre a brutalidade, a passividade (“Me desculpe pelo aborrecimento”) e o onirismo fantasmático⁹.

A filosofia do *nonsense*, que aparece, furtivamente, em momentos raros da personagem literário-histórica, como um detalhe quase imperceptível, repete-se em alguns poucos trechos do livro, como, por exemplo, na parte em que Macabéa conjectura sobre a natureza ontológica do paraíso (ela se questiona, ironicamente, numa linha de pensamento dialético, se o céu é para baixo ou para cima). Ou novamente no diálogo com o namorado Olímpico de Jesus, em que ela joga – não se sabe se resignada ou debochada – com o sentido de sua própria existência: “– Olhe, eu vou embora porque você é impossível! (Olímpico). Ela: – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível?” (LISPECTOR, 1998, p. 42).

Inquirida por Olímpico sobre o que lhe agrada na vida, Macabéa oferece, talvez, a resposta mais inconformista, dentro de seu invólucro de uma anti-heroína passiva/ figura fantasmática misteriosa: “Acho que não preciso vencer na vida” (Idem, p. 43).

⁸ Na configuração atual do estado moderno de exceção a que Giorgio Agamben (2004) se dirige, transmuta-se uma permanente cláusula *ad hoc* no contexto das políticas públicas de promoção da vida (biopolítica) e da morte (tanatopolítica). Tais instâncias eletivas, a quem se destinam, grosso modo, a proteção ou o simples abandono por parte do Estado, são tratadas com maior profundidade em livro anterior, *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua* (2002).

⁹ “Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem” (LISPECTOR, 1998, p. 27). Aqui, em frente ao espelho, Macabéa se confronta com a imagem pálida da sua existência, de novo variando entre o sonho e a vigília.

Conclusão: variações de Macabéas – e de (in)acabar-se

Macabéa faz alusão aos macabeus, grupo muito antigo de judeus, datados do Século I a.C., figuras que, historicamente, atuaram na resistência contra a helenização judaica. Referência também à própria Clarice, de família de origem judaica, que migrou fugindo do ataque de povos invasores na Europa. Apesar da profusão de falas das personagens, que tratam a personagem-título com desdém pela sua feiura e jeito acabrunhado, é interessante notar esse respaldo de uma potência subjacente que teria sido extirpada.

Quase todos, com exceção da cartomante, enxergam Macabéa como um ser anódino, grosseiro, matável. Alguns analistas, a exemplo de José Miguel Wisnik, professor aposentado de literatura da USP, têm uma visada mais amena: uma anti-heroína como a volta da menor mulher do mundo, que se situa no avesso das coisas e da vida social, confrontando modelos e poderes existentes, como uma ascensão do mistério (WISNIK apud ROSENBAUM, 2019, p. 25). Ainda que possamos interpretar Macabéa como uma sobrevivência (*Nachleben*) da constituição de rebanhos apolíticos e imorais, como reclama Clarice, não podemos deixar de notar a contradição e os espaços lacunares – o silêncio que não se deixa nomear – presentes na mesma figura, irreduzíveis à interpretação e à compreensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- A HORA DA ESTRELA. Filme de Suzana Amaral. São Paulo. 35mm, cor, 1985, 96 min.
- BUCK-MORSS, Susan. *O presente do passado*. Trad. Ana Luiza Andrade e Adriana Varandas. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.
- BRAIDA, Celso Reni. *Filosofia da linguagem*. Florianópolis: EAD-UFSC, 2009, v.1. 254pp.
- FREUD, Sigmund. *O infamiliar [Das Unheimliche] e outros escritos*. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. de Flávio Paulo Meurer. 3ª ed. Vozes, Petrópolis, 1999.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. M. D. Magno. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, (1964) 1985.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. 3ª ed. Lisboa: Ed. 70, 2011.

LIBRANDI, Marília. *Escrever de ouvido: Clarice Lispector e os romances da escuta*. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Sheyla Miranda. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, (1977) 1998.

MÜLLER, Marcos José. *Outros num Casamento. Ensaio Literário em Filosofia, Psicanálise e Gestalt*. Florianópolis: Usinadizer, 2019.

PANORAMA. Entrevista com Clarice Lispector. São Paulo: TV Cultura, 1977, 28 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em: 09 out. 2021.

ROSENBAUM, Yudith. *A escrita (do) impossível em A hora da estrela*. São Paulo: FronteiraZ, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, v. 1, p. 24-41, 2019.

SALIS, Fiora. *Entidades ficcionais*. In: BRANQUINHO, João et SANTOS, Ricardo. *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: CFUL, 2013.